**MEMÓRIA E APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

Francisco de Assis Cruz Melo1; Rosa Claudia Cerqueira Pereira2; Marcos Venicius Souza dos Santos3; Márcia Pimentel (Orientadora)4.

1 Mestre em Ciências Ambientais. Escola Tenente Rêgo Barros. ssaisemelo@yahoo.com.br

2 Doutora em História. Escola Tenente Rêgo Barros. rccpereira25@gmail.com

3 Mestre em Ciências Ambientais. Escola Tenente Rêgo Barros. veniciuss1972@gmail.com

4 Doutora em Geografia. Universidade Federal do Pará. mapimentel@ufpa.br.

**RESUMO**

Este artigo reflete nossa prática pedagógica, por meio de observações *in loco*, junto aos alunos do Ensino Fundamental e Médio da Escola Tenente Rêgo Barros, com a finalidade de compartilhar, com a comunidade acadêmica, as experiências didáticas e pedagógicas no ensino de História e Geografia desenvolvidas nas turmas de Ensino Fundamental e Médio, evidenciando algumas metodologias relevantes no processo de ensino-aprendizagem. A avaliação do aprendizado permite demonstrar o conhecimento construído por meio da memória acionada nas aulas e nas atividades que integram a dinâmica da vida social. Para esse fim, a memória precisa estar associada ao processo de aprendizagem, contribuindo para que se possa verificar e avaliar o modo como se deu o processo educativo, recuperando, justamente, na memória, o que foi ensinado. Os resultados observados demonstraram-se no percentual elevado das notas dos alunos nas provas, na grande participação nas atividades e no maior interesse dos educandos às aulas. Portanto, recomendamos o uso irrestrito dessa metodologia pedagógica, sempre em adequação ao percurso teórico a ser desenvolvido junto aos alunos.

**Palavras-chave:** Memória. Ensino. Aprendizado.

**Área de Interesse do Simpósio**: Divulgação Científica

**1. INTRODUÇÃO**

Quando abordamos memória, constatamos que ao longo do século XX e início do XXI, suas referências são importantíssimas para se entender as particularidades de muitos grupos, classes sociais, indivíduos, personagens políticos e econômicos. Esse viés possibilita configurar a identidade desses grupos humanos, que conduzem sua realidade social nos mais variados campos de vida, usando a memória para estabelecer suas conexões com o passado, como destaca Myrian Santos:

Podemos compreender a memória como sendo qualquer forma de pensamento, percepção ou prática que tenha o passado como sua principal referência. A memória de experiências passadas está presente em cada palavra que dizemos em cada passo que damos ou em cada sonho que construímos. Ela está presente no pensamento, nos sentimentos e percepções, bem como na imaginação. Tudo o que sabemos ou que podemos aprender se deve às memórias que possuímos ou que iremos adquirir. Mesmo considerando a presença da memória “em nós”, precisamos considerar que esse “nós” não é uno e indivisível. Nós não somos capazes de lembrar com todos os detalhes nem mesmo um evento vivenciado algumas horas atrás. Se nos damos conta de que, além de ser seletiva, a memória envolve o esquecimento, podemos compreender melhor ainda a falta de controle que temos sobre ela, pois o que lembramos e esquecemos não é resultado apenas de nossas intenções e desejos declarados. Nós nos lembramos de detalhes aparentemente sem importância e esquecemo-nos de faces, nomes e lugares que seriam fundamentais para nós. O esquecimento de experiências traumáticas pode acontecer independentemente de nossas vontades (SANTOS, 2003, p. 4).

E quanto à Amazônia, a memória pode ser revelada pela leitura histórica e geográfica sobre vários grupos e indivíduos, com seus “fazeres” culturais, econômicos, sociais e políticos, que demonstram sua identidade. E essa identidade sempre é abordada no ensino de História e Geografia, por meio do fazer pedagógico dinâmico e reflexivo. Como evidência dessas particularidades, podem-se especificar as populações ribeirinhas da região Amazônica, que durante muito tempo permaneceram integradas ao meio natural, realizando suas atividades produtivas, desenvolvendo suas práticas artesanais, com a produção de instrumentos importantes para a sua vida diária, como canoas, remos, matapis, malhadeiras, paneiros.

Determina-se essa categoria social como ribeirinho por conta da sua posição histórico-geográfica habitacional de se estabelecer às margens dos rios, possibilitando a esse grupo uma intensa relação com a floresta e o rio, levando-o a retirar desses ambientes sua sustentação, tanto que o músico macapaense Zé Miguel compôs *Vida Boa* (1991), transcrita a seguir:

O dia ela chega toda manhã/Com nuvens de fogo pintando o céu/Um ventinho frio sopra sim e assim/Vez em quando se escuta o canto do Japim./A canoa balança bem devagar/A maré vazou, encheu é preamar,/O Zé vai pro mato apanhar açaí/Maria pra roça vai capinar /A vida daqui é assim devagar/Precisa mais nada não pra atrapalhar Basta o céu, o sol, o rio e o ar./E um pirão de açaí com tamuatá./Que vida boa su mano/Nós não têm nem que fazer planos/E assim vão passando os anos eita!/Que vida boa/Que vida boa suprimo/Nós só tem que fazer menino/E assim vão passando os anos eita./Que vida boa.

|  |  |
| --- | --- |
|  |  |

A letra dessa música reflete a relação homem-natureza, pois o ribeirinho usa o meio fluvial na manutenção do seu modo de vida, para a alimentação, o transporte, o lazer e outras relações sociais. De modo semelhante, a comunidade ribeira retira da floresta frutos e a madeira, produz a caça, definindo as múltiplas identidades desse grupo humano, suas perspectivas, seu imaginário, seus laços com o passado, suas referências interpessoais. E essa percepção é encontrada em Simões, que afirma

(...) o imaginário corresponde ao depositório da memória que a família e os grupos sociais recolhem de seus contatos com o cotidiano, isso corresponderia a uma série de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, ou seja, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Em função deste pensamento somos levados a supor que o imaginário social acontece de maneira natural e gradativa. E, mesmo, quando se trata de algo forjado, que se dá em função de alguma manipulação de hegemonia cultural, ainda assim não se pode negar que é um processo gradual, uma vez que as ideologias não são construídas de forma tão imediata (SIMÕES, 2006, p.147).

Nesta guisa, definem-se três tipologias de memória: a **específica**, a **coletiva** e a **artificial**. A **memória específica** é composta pelas particularidades das conexões que os indivíduos mantêm com o seu passado. Podem-se citar as percepções das populações das “baixadas” belenenses que vivenciavam um cotidiano de ruas alagadas, pavimentadas por pontes improvisadas, casas inacabadas revestidas com madeira, a predominância de vegetação primária, postes de madeira erguidos para a ligação de energia. Imersas nesta realidade, as populações suburbanas de Belém reproduzem seu viver social particularizado, segundo suas perspectivas pessoais e coletivas. Como exemplo, uma legião de moças, senhoras e crianças aglomeravam-se com baldes, panelas, latões para encherem de água retirada dos poços. E nas laterais desses mananciais, as mulheres “costuravam” novidades, que invadiam a privacidade alheia com “tititis”, falavam de seus maridos e filhos, sonhavam com uma vida melhor. E ainda hoje, muitas dessas mulheres comentam como era boa a sua vida simples, mas recheada de expectativas.

A **memória coletiva** consiste na continuidade da essência dos grupos sociais com suas formas de ser, sua unidade identitária, aquilo que os liga ao seu passado de forma coletiva, não sendo uma condição apenas dos povos antigos, mas das populações atuais. E isso fica explícito em Moreira, ao afirmar que

A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (1877-1945), toda memória é “coletiva” (MOREIRA, 2005, p. 1).

Ainda comentando sobre a vida das mulheres das áreas periféricas de Belém, um hábito costumeiro desse gênero era se reunir no fim de tarde nas portas de suas casas para tratarem de vários assuntos. Isso as tornava mais familiarizadas umas com as outras, tanto que passavam a fazer programações juntas, formando grupos de mães, que resultaram na organização de festas juninas, grupos folclóricos, programações familiares coletivas, centros comunitários; estabelecendo suas próprias formas de intervenção no seu ambiente intraurbano.

A **memória artificial** compõe-se das lembranças produzidas pelos sistemas eletrônicos que regulam a vida social das pessoas na atualidade, modelando seu comportamento, impulsionando suas projeções pessoais, mesmo que elas sejam momentâneas, contudo são eternizadas em objetos eletrônicos: câmeras digitais, computadores, bem como outros componentes eletrônicos.

A condição da memória artificial tem se verticalizado cada vez mais em todo o universo social, particularmente, na imposição da mídia de massa que formata vários pacotes culturais na música, no entretenimento televisivo, no cinema, na internet, no estilo de vida consumista, na propaganda impregnada de valores e comportamentos imediatistas, e esses produtos culturais são lançados inundando vertiginosamente o imaginário social.

E muito desse bombardeio da cultura de massa ocorre como resultado da revolução técnico-científica, que se materializa em novos componentes tecnológicos, e são colocados para o consumo da população, renovando-se periodicamente, quase não permitindo que haja uma familiarização com esses produtos. E esse “movimento” tornou-se mais forte desde a Primeira Revolução Industrial, sendo um dos seus produtos a máquina fotográfica, que passou a capturar a vida social, como destaca o historiador Le Goff (1990, p. 402): “a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

Pierre Bourdieu (BOURDIEU apud LE GOFF, 2003, p. 460) e a sua equipe puseram bem em evidência o significado do “álbum de família”, pois “a Galeria de Retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa do seu chefe, o seu retratista. Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram”. O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros.

Então, a memória, por ser instigadora na recomposição dos vínculos com o passado, reconstrói-se continuamente com suas múltiplas facetas, suas temáticas cotidianas, suas representações ufanistas e sua significação individual e coletiva, num vir a ser novamente que se materializa, em última análise, nas representações que construímos em sala de aula, nas aulas de História e Geografia. Para tanto, a memória precisa estar associada ao processo de aprendizagem, permitindo verificar o modo de saber o que o aluno aprendeu, recuperando, justamente, na memória o que foi ensinado, isto é, o professor reconstrói reprises contínuas dos conteúdos “alimentados” em sua *práxis* pedagógica.

Fundamentados neste prisma conceitual de Memória, buscamos erigir no ano letivo de 2018, em nossas relações teórico-práticas, que impulsionem a memória dos alunos nos múltiplos fazeres pedagógicos. Portanto, vinculamos os conteúdos à metodologia e às mais diversificadas práticas desenvolvidas em sala de aula com o intuito de estimular nos alunos a sua memória, seja social, teórica ou intelectual.

**2. MATERIAL E MÉTODOS**

As metodologias pedagógicas desenvolvidas nas aulas de História e Geografia primam por contribuir com o formato de aprendizagem dos alunos por meio do processo avaliativo. Os professores utilizaram diferentes estratégias e estímulos para desenvolver cada conteúdo correspondente em suas disciplinas, entre as quais evidenciam-se o uso do quadro magnético, livros didáticos, projeção de slides e recursos audiovisuais, os quais nos serviram de inspiração para pensar sobre as diversas metodologias para o ensino.

2.1. ESTRATÉGIAS DE ENSINO: O USO DO QUADRO BRANCO

Como os jovens têm acesso facilmente às novas tecnologias, e seu convívio é contínuo com esse meio, há a necessidade viva de se manter as condições clássicas do processo ensino-aprendizagem, e neste cerne, o quadro magnético corrobora com essas condições, especialmente, porque o quadro sofreu modernizações. Sua denominação era quadro negro, por ter tintura negra, passou para quadro com pintura verde (fosse de madeira ou concreto), mas continuou com a adjetivação “negro”.

Os inconvenientes do uso do quadro negro/verde eram o giz, pois provocavam o acúmulo de fuligem/pó nos professores e alunos, interferindo diretamente na saúde desse profissional. Com a introdução dos quadros magnéticos nas escolas houve uma melhora na qualidade de vida dos professores. Muitos acreditavam que os quadros escolares iriam desaparecer com o advento da tecnologia de projeção em Datashow, mas isso não aconteceu, o quadro permanece presente nas escolas, não só como uma memória saudosista dos tempos passados da educação, mas como um recurso pedagógico de extrema relevância para quem sabe usá-lo.

No caso em estudo, o professor de Geografia, com as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental, registrou toda a dinâmica dos conteúdos ministrados em cada aula, colocando o nome da disciplina, a data e todos os itens abordados com a turma, com riqueza de detalhes: o título e os subtítulos, as definições e conceitos geográficos, os exemplos e/ou demonstrações através de imagens/desenhos para poder trazer aos alunos a realidade sob o prisma da Geografia. Essa estratégia didático-pedagógica é ainda mais dinamizada explicativa realizada pelo professor.

2.2. ESTRATÉGIAS DE ENSINO: PRODUÇÃO DE TELEJORNAL

No que diz respeito às aulas de História com as turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, a professora utilizou os recursos audiovisuais com os quais trabalha filmes, músicas e documentários como complemento das aulas, além do uso de livros didáticos e exposição dialogada.

Para tanto, foi necessário produzir materiais didáticos junto aos alunos do 8º ano, como a organização de produção de um Telejornal para o ensino de História. A atividade objetivou, no plano geral, contribuir para uma compreensão compartilhada do acesso ao conhecimento, articulando ações e comportamentos em grupo, mas pretendendo atingir metas individuais. Neste caso, é fundamental educar os alunos na divisão de tarefas coletivas para a conquista do saber, conforme preconiza a professora Mônica Santos (2012, p.1). Por isso, entre outras intenções específicas, a proposta de realizarmos um telejornal teve como intuito levar o exercício dos saberes aprendidos, lançando-se mão de relatos de experiência, entrevista, notícia e reportagem, produzidos pelos e com os alunos ou veiculados na grande imprensa tradicional e digital, sempre os vinculando a temática abordada nas aulas.

2.3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO: ORIENTAÇÃO POR MEIO DE ESTUDO DIRIGIDO

No que tange à atividade com a turma do primeiro ano do Ensino Médio, o professor apresentou temas para os discentes em slides, sobre o conceito de Natureza, Terra, Propriedade e Trabalho no período da América portuguesa e, posteriormente, foram cedidas folhas com perguntas direcionadas aos respectivos temas. Dessa forma foi possível os alunos entenderem sobre os conceitos debatidos em sala de aula. Além disso, perguntou-se aos discentes sobre o que proporcionou o recurso didático de estudo dirigido e qual a eficiência deste método. Esses procedimentos consagram a definição de Estudo Dirigido.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os professores, em suas práticas pedagógicas, devem ensinar e avaliar de forma a garantir a aprendizagem. Para tanto, é necessário conhecer o processo em que se permite constatar o aprendizado por meio da memória e compartilhar suas experiências de ensino com outros professores sobre o uso diferenciado de suas práticas pedagógicas. Os professores devem ter claro seus objetivos para que os alunos possam compreender a necessidade de lembrar ou aprender o que foi ensinado.

3.1- EXPERIMENTOS DIDÁTICOS NO 6º ANO.

Em relação aos alunos de 6º ano, por serem muito jovens, ainda mantêm viva a ludicidade da sua faixa etária e se envolvem bastante no registro das aulas e na reprodução do conteúdo registrado no quadro (textos, desenhos, esquema), havendo registros ilustrados nos cadernos dos alunos. Por isso, a produção das imagens ou representações gráficas no quadro magnético nas aulas de Geografia constituíram importante fator de aprendizagem.

Quais os objetivos dessa prática pedagógica que privilegia o uso do quadro? Uma delas é desenvolver a coordenação motora fina, fazer com que o aluno consiga desenvolver sua competência escritora; pois à medida que escreve, aprimora sua letra, desenvolve a musculatura da mão e braço, memoriza as aulas em dois planos, o visual e o auditivo, e se familiariza com os conteúdos trabalhados. O plano impresso do livro ganha vida no quadro, para posteriormente ser reescrito no caderno. Então, grande parte do conteúdo abordado em sala permanecerá na memória do aluno. Outro ponto positivo é que os alunos deixam de ser meros observadores/expectadores da aula, eles passam a ter participação na produção da aula, na construção do seu conhecimento.

Nestes tópicos abordados, constatou-se mais um ponto relevante, que é a possibilidade de o aluno estudar em melhores condições em casa, pois terá um registro confiável das aulas, que não será o livro, mas que o próprio aluno anotou, tendo, portanto, maior familiaridade com o que está estudando, uma vez que foi o próprio aluno que registrou. Essa técnica didático-pedagógica mostra-se eficiente, além de tudo, manterá o aluno ativo no desenvolvimento da aula, tendo pouco espaço para conversas, para distrações ou brincadeiras paralelas. Um outro resultado que aponta a positividade no uso do quadro são as notas na prova, nas atividades, pois o aluno tem acesso direto ao que o professor explicou, de maneira customizada/particular.

3.2- EXPERIMENTOS DIDÁTICOS NO 8º ANO.

No que se refere aos alunos do 8º ano, por meio da produção do Telejornal, a turma foi dividida em grupos. Ficaram estabelecidas algumas metas para as equipes, que inicialmente deveriam decidir o nome do telejornal e quais as funções definidas dos alunos, ou seja, quais alunos ficariam responsáveis pela escrita do texto; outros, pela elaboração do cenário (visual do jornal) e, ainda, quem deveria cuidar do figurino (visual do apresentador). As equipes escolheram os temas a serem trabalhados e se organizaram para a produção do roteiro de trabalho, colocando as funções e responsabilidades de cada aluno no grupo, em similaridade com o corpo editorial de um Telejornal.

A produção do Telejornal possibilitou aos alunos serem avaliados por meio da produção expressa de forma escrita, oral e corporal e estimulou o uso da pesquisa de fontes visuais e escritas, recorrendo-se à internet e ao uso de recursos audiovisuais para a expressão e veiculação do conhecimento histórico. Além disso, proporcionou um espaço ao uso da criatividade em mídias e redes sociais, também como instrumento para construção do conhecimento escolar. Constatou-se o processo de interação e troca de experiências dos alunos nas diversas etapas da elaboração do telejornal, possibilitando a descoberta de novas habilidades e competências diversas daquelas desenvolvidas em sala. Esse trabalho buscou a correlação com a experiência da professora Mônica Santos (2012, p. 4), cujo ensinamento dialoga com os resultados obtidos na atividade realizada, nos quais foram percebidos o envolvimento dos alunos, a manifestação de novas habilidades individuais, a desenvoltura diante das câmaras e a capacidade de liderança dos alunos.

 como podemos constatar no gráfico comparativo dos rendimentos no primeiro bimestre com o segundo bimestre.

3.3- EXPERIMENTOS DIDÁTICOS NO 1º ANO/MÉDIO.

Na experiência pedagógica com os alunos do primeiro ano do ensino médio, foram apresentados temas, como Natureza, Propriedade e Terra no Brasil Colonial no decorrer de cinco aulas em slides. A partir desse momento, os discentes fizeram uma atividade didática por estudo dirigido no qual deveriam utilizar como recurso o livro didático a fim de direcionar as suas leituras. Esse método auxiliou os alunos na compreensão, análise e memorização do assunto abordado em sala de aula, proporcionando um melhor entendimento e desempenho nas atividades de exercícios e nas avaliações de prova de múltipla escolha, e a consequente elevação das notas em cada avaliação bimestral. Atribui-se o sucesso dessa prática pedagógica às condições de ambiência que se estabelece em sala de aula entre o professor e seus alunos, pois foi possível construir uma relação de interação entre os alunos e o texto proposto em cada aula. Confirma-se a positividade desta *práxis* em Nascimento e Freire (2011, p.16), que referendam o desenvolvimento de competências, instigação à leitura, escrita, interpretação e síntese textuais dos alunos como necessários ao processo ensino-aprendizagem, demonstrando uma melhoria intelectual de cada aluno da turma. Reafirma-se que tais êxitos dependem de como o docente conduz o desenvolvimento dessa experiência pedagógica.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No caso do ensino de História para as turmas do 8º ano, o debate realizado junto aos alunos com produção de material audiovisual, além da exposição dialogada nas aulas com apoio do livro didático, foi associado com a pesquisa a fontes históricas diversas. Portanto podemos trabalhar História por maneiras variadas, envolvendo os alunos a uma viagem repleta de reflexões com ampliação de interesses pelos temas propostos.

Ainda no Ensino Fundamental, a adoção do uso do quadro nas aulas de Geografia permitiu dimensionar um cenário revisional da didática dos professores no século XXI, que, em muitos casos, optam em secundarizar esta importante ferramenta pedagógica, mas que em última análise constitui-se um instrumento propositivo de aulas interessantes e significativas aos sujeitos do aprender, a saber, crianças entre 10 e 11 anos, ainda tão ligadas à ludicidade.

No Ensino Médio, o estudo dirigido aplicado nas turmas do 1º ano possibilitou aos discentes aprimorar a capacidade de sintetização, memorização das temáticas históricas, orientando-se a solução de questões evidenciadas na leitura dos textos propostos de forma individual. Além disso, a utilização desse método contribuiu para o estudo de revisão das provas bimestrais, viabilizando com elevado grau de satisfação a aprendizagem do aluno.

Portanto, as metodologias aplicadas em três anos diferentes (6º e 8º do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio) permitem vislumbrar um quadro correlato de experiências pedagógicas que dialogam entre si com o objetivo singular de atender às necessidades de aprendizagem dos discentes, respeitando-se as suas especificidades etárias, psíquicas e intelectuais. Foram demonstradas, assim, as modulações e variações pedagógicas aplicadas a cada ano de ensino (uso do quadro branco, telejornal e estudo dirigido), sedimentadas pela longa experiência teórico-prática dos docentes propositores destas metodologias.

**REFERÊNCIAS**

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 423-483.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e Memória: algumas observações.** 2005. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2010.

OKANE, Eliana Suemi Handa; TAKAHASHI, Regina Toshie. O estudo dirigido como estratégia de ensino na educação profissional em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, nº 40, p. 160-169, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n2/02.pdf>>. Acesso em 16 out. 2018.

SANTOS, Mônica Cristina Vital dos. Projeto telejornal: um relato de experiência. **Anais** do IX Encontro Virtual de Documentação em software livre e VI Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. Volume 1, Número 1, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/viewFile/1911/3525>. Acesso em: 25 out. 2018.

SANTOS,Myrian Sepúlveda dos. História e Memória: o caso do ferrugem. **Revista Brasileira de História**. vol.23 nº.46 São Paulo 2003. Disponível no <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882003000200012&script=sci_arttext>>. Acesso em 26 nov. 2010.

SIMÕES, Maria do Socorro. Imaginário e Tradição em Narrativas Amazônicas. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org.). **Reflexão e Práticas Interdisciplinares**. Belém: EDUFPA/SEDUC, 2006.